

## NO EXERCÍCIO DO IMPOSSÍVEL

Marconi de Albuquerque Urquiza<sup>1</sup>

Depois de muitos anos ele desapegou de pelo menos duas centenas de livros. Dotado de uma mania, que havia abandonado com o passar dos anos, costumava escrever na folha de rosto dos livros comentários, motivações para aquela leitura e de deixar muitos pequenos escritos entre as páginas deles, geralmente o que achava que deveria ser guardado para a posteridade, pois deveriam ser preservados pontos que achava importante da sua história de vida.

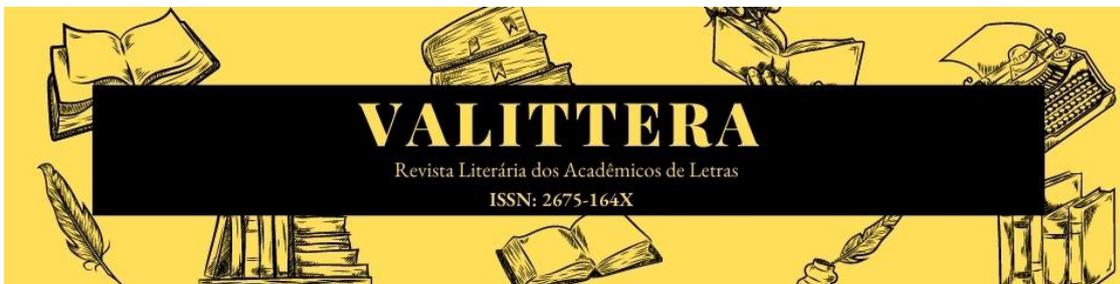
Naquela sexta-feira, Quinteiro já tinha enchido uma caixa de papelão com vários livros, a maioria livros de administração, os de literatura tornou a empilhar e os guardou. Saiu da área de serviço e foi para um quarto onde outra centena de livros o esperava, mais de livros voltados para administração, com predileção para a gestão de pessoas e tópicos voltado para o gerenciamento de equipes. Em um canto daquele armário ele viu uma pequena coleção de livros de direito, direito tributário. Em algum momento, lá longe, ele quis se especializar nesta área do direito, mas abandonou o projeto, deixou o rio, que entrara aos vinte e um anos, prosseguir e não tirou a sua barca da água.

Depois de pensar rápido, perguntou ao filho contador se ele queria um destes livros, edições de cerca de 20 anos, não serviam, ele os empilhou para doação.

Agachado foi retirando outros livros, até que surgiu um livro de capa de bordas vermelhas com interior amarelo, anunciando que nele se ensinaria finanças para gerentes não financeiros. Não o empilhou de imediato, abriu as primeiras páginas e até recordou o seu interesse naquele assunto. Na época era gerente de banco, mas pouco entendia de gestão

---

<sup>1</sup> E-mail: [marconiurquiza19@gmail.com](mailto:marconiurquiza19@gmail.com).



financeira de empresas, pois tudo onde trabalhava vinha empacotado, mesmo assim, acreditava que precisava saber a respeito para orientar as empresas clientes, se necessário e também, para evitar conceder crédito a empresa com uma gestão ruim.

Não havia lido ele todo, eram tantos interesses na época que a sua leitura completa de algum livro era difícil. Ainda assim se sentiu saudosos, folheou o livro e uma página esbarrou em um papel inserido dentro dele. Retirou o papel e viu que era uma nota técnica pessoal, um instrumento de comunicação corporativo que utilizava com frequência.

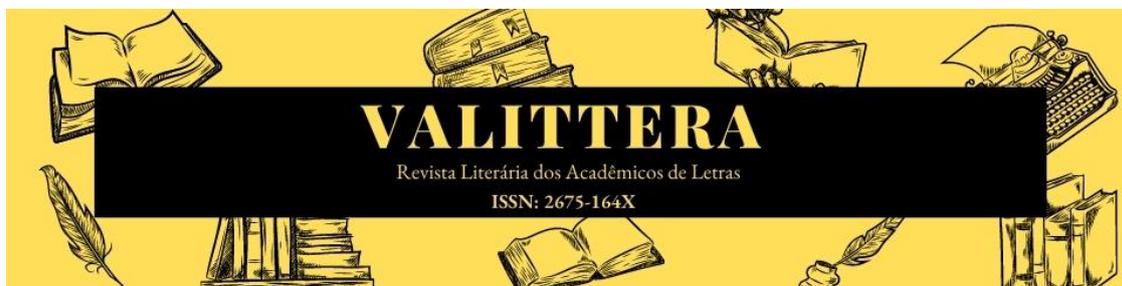
Pegou o papel dobrado em quatro partes, leu o título: Conversando, título inexpressivo, leu as primeiras frases, logo de início tomou um susto: Eu escrevi isto nestes termos? Escreveu.

As duas frases formavam um conjunto de crença, um conjunto de circunstâncias e espelhava um momento em que o esforço individual estava se transformando em um *looping* eterno, todos naquela empresa pareciam aviões fazendo manobras no ar, cada vez mais exigentes e mais perigosas.

Ao reler aquelas frases ele precisou parar o que estava fazendo, ficou refletindo, estava sereno, tentava achar o significado delas, não a mensagem exteriorizada, mas a alma dela, aquela ínfima parte do espírito que move um ser para pensar em algum ponto de sua vida, em que o sentido da existência adquire um tom negro ou uma luz brilhante. Não achou, a sua mente nada encontrou. Havia gostado do que tinha escrito, reconhecia o contexto e o momento, mas o algo mais, não encontrou. Assim adiou a sua reflexão e foi cuidar de separar os livros.

Não agia com uma ordem de assuntos, a única ordem era pelo tamanho dos livros, os maiores embaixo, os menores em cima. Os grandes para formar uma base e a pilha não tombar no chão, como havia ocorrido minutos antes.

De novo constatou o seu enorme interesse na gestão das pessoas, até reencontrou, dentro de um livro, o sumário de um projeto em que escreveria sobre a liderança de um ponto de vista prático, distante dos aspectos mais acadêmicos deste estudo. Reteve o livro,



este não foi para a pilha de doação, aquele sumário rascunhado com a sua letra manuscrita tinha um bocado de afeto. Não era hora de jogar fora.

O papel dobrado, que o surpreendeu, estava sobre a base do monitor do seu computador *All In One*, um modelo de PC que está tudo em um. As duas folhas estavam lá, quietas, como estiveram nos seus dezessete anos de hibernação. Só que agora não estava hibernando, ele havia acordado e Quinteiro despejava nele parte da sua energia.

As horas passaram, dois dias se passaram, até que no domingo seguinte Quinteiro pegou a mensagem de duas páginas, impressas em lado único e foi se sentar em uma cadeira na área de serviço. Levou junto uma caneta e algumas folhas de papel. Tentaria achar o sentido daquela frase e para isto começou a ler:

*Título: Conversando*

---

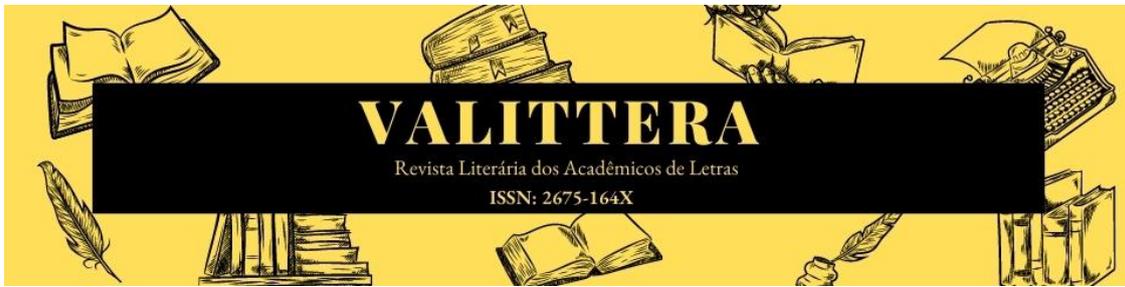
*Colegas,*

*há dias fiz uma nota pessoal ao Superintendente Regional (Seu chefe) e disse-lhe que estávamos no exercício do que era possível.*

*Vou me reposicionar, estamos no exercício do impossível.*

Aí Quinteiro parou, a sua perplexidade permanecia desde que havia lido a segunda frase há quase três dias. Ele sabia a circunstância ao redor daquele 20 de agosto de 2003, ele lembrava do contexto de pressão intensa, que ignorava qualquer deficiência de tecnologia, da falta de pessoal, da quase geométrica colocação das metas empresariais. No entanto, não alcançava o seu sentimento pessoal. Por que usar a palavra impossível?

Foi uma premonição? Uma constatação? Um chute? Um artifício de retórica? Ele não sabia, continuava parado, sem ler o restante da carta, preso ao: *Estamos no exercício do impossível*. Não conseguia compreender que tudo aquilo só faria sentido se ele corresse a sua



vida nos anos seguintes, pois ele teria percebido que a sua vida havia entrado em um permanente do exercício do impossível.